

Um escritor traduzido: o afegão Khaled Hosseini e a tradução de *A Thousand Splendid Suns* para português

Maria Alice G. Antunes¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise comparativa entre o autor-modelo (Eco, 1979; Antunes, 2009) inscrito no texto original, *A Thousand Splendid Suns* (Hosseini, 2007), e aquele inscrito na tradução para o português, *A Cidade do Sol* (Hosseini/Rouanet, 2007). A análise se concentra nos itens culturais específicos (ICEs, doravante) (Franco Aixelá, 1996), que o original apresenta para o leitor estadunidense e as escolhas de Maria Helena Rouanet ao traduzi-los para o português e verifica até que ponto a tradutora repete as estratégias de tradução inscritas pelo autor-modelo original, no texto traduzido. Diante das lacunas culturais que os ICEs representam, Rouanet tem dois procedimentos à sua escolha: ou adota as técnicas inscritas no original, marcas do autor-modelo, ou opta por outros procedimentos, afastando-se do limite que o autor-modelo original representa. A tradutora registra escolhas variadas.

Palavras-chave: Tradução; Leitor modelo; Autor modelo; Análise comparativa.

Title: The Translated Writer: The Afghan Khaled Hosseini and the translation of *A Thousand Splendid Suns* into Portuguese

Abstract: This paper aims to present a comparative analysis between the model author (Eco, 1979; Antunes, 2009) inscribed in the original text, *A Thousand Splendid Suns* (Hosseini, 2007), and the one inscribed in the Portuguese translation, *A Cidade do Sol* (Hosseini/Rouanet, 2007). The analysis focuses on the culture specific items (CSIs) (Franco Aixelá, 1996) that the original presents to the American reader and Maria Helena Rouanet's choices when translating them into Portuguese, and checks to what extent the translator repeats the translation strategies inscribed by the original model author in the translated text. Faced with the cultural gaps that the CSIs represent, Rouanet has two procedures to choose from: either she adopts the techniques inscribed in the original, s of the model author, or she opts for other procedures, moving away from the limit that the original model author represents. The translator makes a different choice.

Keywords: Translation; Model reader; Model author; Comparative analysis

¹ Maria Alice G. Antunes é atualmente professora visitante do Departamento de Mediações Interculturais da UFPB, e vinculada à linha de pesquisa "Literatura, Cultura e Tradução" do PPGL/DMI/UFPB. Possui mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993), doutorado em Letras pela PUC-Rio (2007) e pós-doutorado em Estudos da Literatura pela UFF (2017). Entre suas principais produções bibliográficas estão *Autotradução: breve histórico, razões, consequências, práticas* (EdUERJ, 2019) e *O respeito pelo original: João Ubaldo Ribeiro e a autotradução* (Annablume, 2009). Atua voluntariamente no projeto de extensão FORTRALIT (Formação de tradutores: experimentando a tradução literária). Suas principais áreas de interesse incluem o ensino da tradução literária, a autotradução e a historiografia da tradução.

Introdução

Dois fatores dirigiram meu interesse para o estudo da tradução do romance *A Thousand Splendid Suns*, do escritor afegão Khaled Hosseini, para o português. Em primeiro lugar, me interessei pelos *bestsellers* e, em especial, aqueles que tematizam a cultura natal do escritor. A primeira década do século XXI assistiu seguidas invasões de culturas estrangeiras às prateleiras das livrarias brasileiras. Os afegãos – depois dos atentados de 11 de setembro de 2001 – tiveram grande visibilidade, em primeiro lugar. Em seguida, os romances escritos por indianos assumiram proeminência e, depois, a China apareceu em destaque. Esses romances podem ser escritos na língua materna do escritor e publicados em seus países de origem. Mas podem também ser escritos em uma língua – estrangeira – adotada pelo escritor, que é, em geral, uma língua hipercêntrica, o inglês, ou central, o francês, por exemplo.

A escrita em língua estrangeira facilita a circulação desses romances e é o segundo motivo que causa meu interesse por eles. Interesse-me especialmente pelos livros escritos em inglês por escritores que adotaram essa língua como língua de escrita e, de forma particular, pelas traduções desses romances e imagens da cultura natal desses escritores construídas a partir das traduções. É o caso de *A Thousand Splendid Suns* (Riverhead Books, 2007) e sua tradução para o português, *A Cidade do Sol* (Nova Fronteira, 2007), em tradução de Maria Helena Rouanet.

A Thousand Splendid Suns (2007) foi publicado nos Estados Unidos em 2007, rapidamente tornou-se *bestseller* e permaneceu na lista dos mais vendidos do jornal *The New York Times* por longo tempo. Ele foi o segundo romance do escritor afegão Khaled Hosseini, traduzido para o português por Maria Helena Rouanet, *A Cidade do Sol* (2007), e frequentou a lista de *bestsellers* de jornais e revistas cariocas. A história cobre três décadas de *jihads* anti-soviéticas, guerra civil e tirania talibã ao narrar a vida de duas mulheres. Mariam é a filha de um rico homem de negócios, ilegítima e desprezada, forçada aos 15 anos a casar com Rasheed, de 40 anos. Rasheed se torna cada vez mais brutal à medida que ela não consegue gerar um filho. Dezoito anos mais tarde, Rasheed arranja outra esposa, Laila, de 14 anos, uma moça inteligente e espirituosa, cujas únicas opções, depois de os pais terem sido mortos na guerra, são a prostituição ou a fome. Em um cenário de guerra interminável, Mariam e Laila tornam-se aliadas numa batalha assimétrica contra Rasheed, cuja violenta misoginia - “Não havia xingamentos, nem gritos, nem súplicas, nem sequer exclamações de surpresa, apenas as atitudes sistemáticas do que batia e do que era espancado” - é apoiada pelos costumes e pela lei. Hosseini

traça um retrato vigoroso, mas cheio de nuances, de um despotismo patriarcal em que as mulheres são dependentes dos pais, dos maridos e, especialmente, dos filhos, sendo a geração de filhos homens a sua única via para o estatuto social. O romance é um retrato poderoso e angustiante da situação das mulheres no Afeganistão, mas também é uma evocação lírica das vidas e esperanças de suas personagens resistentes. O romance faz parte de uma safra de publicações recentes (especialmente depois dos atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos) que trazem por tema uma cultura estrangeira, e, em geral, tematizam uma região onde os conflitos identitários são constantes.

O autor, Khaled Hosseini, é descrito em resenha publicada no jornal inglês *The Observer* como o primeiro romancista afegão que apresenta sua própria cultura para leitores ocidentais. Ele é o que Salman Rushdie chamou de “sujeito traduzido” (Rushdie, 1991, p. 17), como o próprio Rushdie. Um sujeito (escritor) traduzido como outros que tematizam a própria cultura, tema sobre o qual têm autoridade porque conhecem o ambiente que narram. São escritores que migraram para outros países e que adotaram outra língua como língua de escrita, como Marie Lu, escritora chinesa que escreve em inglês. Khaled Hosseini deixou o Afeganistão para morar na França e escrever em francês e, alguns anos mais tarde, fixou residência nos Estados Unidos e passou a escrever em inglês. Por tratar de sua cultura natal, o romance traz marcas que evidenciam as lacunas culturais para as quais Hosseini precisou encontrar formas de preenchimento, por assim dizer. Tais marcas, inscritas no texto pelo autor, de forma consciente ou inconsciente, constroem o leitor-modelo e, conseqüentemente, o autor-modelo, e podem servir de limites para Maria Helena Rouanet, a tradutora do romance para o português.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise comparativa entre o autor-modelo inscrito no texto original e aquele inscrito na tradução para o português. A análise se concentra nos itens culturais específicos (ICEs, doravante) que o original apresenta para o leitor estadunidense e as escolhas de Maria Helena Rouanet ao traduzi-los para o português e verifica até que ponto a tradutora repete as estratégias de tradução inscritas pelo autor, criador do autor-modelo original, no texto traduzido.

1 O autor-modelo

Umberto Eco inicia sua exposição do papel do leitor afirmando que “um texto ‘aberto’ não pode ser descrito como uma estratégia comunicativa se o papel de seu destinatário (o leitor, no caso do texto escrito) não tiver sido considerado no momento de sua geração como texto” (Eco, 1979b, p. 3). Está implícita nessa afirmação a crença na escrita como uma atividade

comunicativa e no fato de que, já que é comunicação, será preciso um leitor que exerça o papel de destinatário da mensagem, sem que este seja, contudo, o único papel exercido por ele. Para Eco, além de destinatário, o leitor é também coparticipante do processo gerativo de um texto, pois “o autor tem de prever um modelo de leitor (o leitor-modelo) supostamente capaz de interpretar o texto da mesma maneira que o autor previu durante o processo de geração do mesmo” (Eco, 1979b, p.7). Ou seja, o leitor-modelo é um agente propulsor da produção escrita, levando o autor a fazer escolhas apropriadas ao leitor que tem em mente e registrá-las no texto. Assim, o leitor-modelo está presente no texto sob a forma de uma estratégia textual e a interpretação consiste na reconstrução dessa estratégia, um processo potencialmente sem fim, mas que tem limites, já que haverá interpretações que, por não serem sustentadas pela coerência interna do texto, serão vistas como “sem êxito” por Eco (1979a, p. 41).

Durante o ato cooperativo da leitura, o leitor constrói hipóteses acerca do leitor-modelo presente no texto e faz conjecturas acerca do autor-modelo (Eco, 1979a, p.45 e 46,), atribuindo a este, e não às intenções do escritor, as pistas deixadas no texto. O leitor formula hipóteses sobre o autor-modelo que, por sua vez, não espera simplesmente que o leitor-modelo exista, já que nem sempre a competência do leitor será semelhante à do autor. Na verdade, “todo ato de leitura é uma transação difícil entre a competência do leitor e o tipo de competência que um texto postula para ser lido de maneira econômica” (Eco, 2000, p.84). Por isso, o texto deve contribuir para produzi-la.

A competência do leitor abrange o “registro de funcionamento de uma língua em toda a sua complexidade, contemplando regras de significação e instruções pragmaticamente orientadas” (Rabenhorst, 2002) e um conjunto de competências – competência gramatical, sociolinguística, discursiva e textual – além do conhecimento prévio do leitor acerca do mundo que o cerca. O autor-modelo, presente no texto, contribui para a construção da competência de seu leitor-modelo, mas um texto pode demandar o uso de uma competência enciclopédica que o leitor não tem e, por isso, este, talvez, não consiga seguir as pistas deixadas no texto para a interpretação. O caso de autores cujas obras tematizam culturas estrangeiras, quase desconhecidas de forma integral do público-leitor a que se destinam, exemplifica a distância entre competências enciclopédicas que pode dificultar a comunicação. Mas voltemos à construção da competência do leitor.

Um exemplo desse processo se dá, na tradução, através do uso da técnica da naturalização, quando “o tradutor decide aclimatar o elemento à realidade da cultura receptora” (Bentes, 2005, p.60). Quando lê pela primeira vez um texto, o tradutor, que exerce o papel de leitor-modelo do original, constrói uma interpretação dele. Mas ao iniciar o processo de tradução em si, o

tradutor imagina o leitor-modelo da tradução, diferente daquele do original e dotado, possivelmente, de competência enciclopédica distinta daquela que a leitura do texto-fonte demanda. O resultado da interação imaginária com o novo leitor provoca a inserção de modificações que visam auxiliá-lo, porque a ele falta o conhecimento acerca, por exemplo, da perspectiva cultural que informa o texto. Quando usa a técnica da naturalização, o tradutor insere na tradução um termo que julga conhecido do público-leitor estrangeiro, apaga a diferença, e facilita a leitura. Vejo ainda a naturalização como marca atribuída ao trabalho do tradutor presente no texto traduzido.

A interpretação de um texto é, como descrevi acima, prevista durante o processo de criação e o leitor, que exerce o papel de leitor-modelo e que compartilha a competência enciclopédica com o autor, ajudará um “mecanismo preguiçoso” (Eco, 1979a, p.37) – o texto – a funcionar. É o leitor quem dá a partida na interpretação e, sem ele, ela não existe. Ele atua também durante a leitura, quando constrói interpretativamente as previsões do autor, dando forma ao autor-modelo, também um construto do texto, a quem são atribuídas as pistas para a interpretação (Eco, 1994, p.44). O autor empírico não necessariamente poderá explicar as pistas que deixou, já que elas nem sempre serão opções conscientes, e, por isso, o autor-modelo é importante no processo de comunicação. No caso da tradução, é o autor-modelo que será tomado como referência pelo tradutor e que este (leitor-modelo do original) tenta reconstruir. O autor-modelo é também aquele a quem o leitor *atribui* a seleção de estruturas sintáticas, de itens lexicais e de estratégias narrativas registradas na manifestação linear do texto e que servem de pistas para a interpretação. Ao analisar o caso de *A Thousand Splendid Suns* (2007), verificamos uma marca importante presente no texto original: os itens culturais afegãos, muito diferentes da cultura estadunidense. Essa diferença remete ao conceito de exotismo, entendido aqui como “a noção do diferente; a percepção do Diverso; o conhecimento que alguma coisa não é o Mesmo” (Segalean e Cuisenier, 1986, p.41). Essas marcas frequentes no texto original podem dificultar a leitura caso o autor opte pela simples repetição dos termos, já que apresentam aspectos da cultura afegã, muito distintos dos elementos culturais a que os leitores estadunidenses estão habituados. Entretanto, a diferença vai sendo amenizada, por assim dizer, pela presença de outro tipo de marca: as técnicas de tradução que ajudam a construir a competência enciclopédica do leitor para que este possa cooperar com o texto.

Finalmente, é importante destacar que Eco argumenta que autor e leitor modelos não são realidades empíricas, pois ambos só têm vida no texto. Para Eco, o autor empírico não tem papel na interpretação do texto. Ele o escreve e, para escrevê-lo, precisa imaginar um interlocutor – o leitor-modelo – que será capaz de cooperar com sua criação. Cooperando com

ela, seguindo as pistas e marcas lá registradas, o leitor-modelo recriará o autor-modelo, sem que o autor empírico tenha um papel a exercer aí. Eco considera, inclusive, que o conhecimento acerca do autor empírico poderá causar dificuldades na cooperação do leitor com o texto e tende a “ofuscar” o autor-modelo.

Mais recentemente, entretanto, Eco argumenta que a

idéia de interpretação textual como a descoberta da estratégia com intenção de produzir um leitor-modelo, concebido como a contrapartida ideal de um autor-modelo (que aparece apenas como uma estratégia textual), torna a idéia da intenção do autor empírico radicalmente inútil. Temos de respeitar o texto, não o autor enquanto pessoa assim-e-assim. Todavia pode parecer um tanto rude eliminar o pobre autor como algo irrelevante para a história de uma interpretação. (Eco, 2011, p.77)

Eco se sente forçado (talvez por sua própria condição de romancista) a reconhecer que o *pobre autor* não pode ser simplesmente eliminado da história da interpretação. Também acredito que o autor empírico não pode ser excluído por completo, mas é necessário redefinir seu papel na produção de autor e leitor modelos.

O autor empírico pode exercer um papel importante na construção do autor-modelo. Quando está diante de um texto, o leitor imediatamente o relaciona às circunstâncias de sua enunciação. O nome Khaled Hosseini escrito na capa de um livro levará o leitor a fazer suposições acerca de “esquemas retóricos e narrativos que fazem parte de um repertório selecionado e restrito de conhecimento” (Eco, 1979a, p.66), baseado na leitura prévia de *The Kite Runner* (2003), no caso de Hosseini, e de outros romances escritos na mesma época e que têm povos de cultura islâmica como tema.

Eco segue afirmando que o “repertório selecionado e restrito de conhecimento” (1979a, p.66,) não é comum a todos os membros de uma cultura. Haverá leitores que, possuidores de um vasto conhecimento cultural e competência intertextual, estarão mais motivados a cooperar com um texto e interpretá-lo com base nas pistas que ele oferece. Entretanto, há um autor (empírico) que foi capaz, consciente ou inconscientemente, de selecionar determinados esquemas retóricos e narrativos ou determinadas estratégias textuais, impulsionado por um leitor-modelo, durante o processo de geração do texto. Esse autor possui em seu repertório um arsenal de possibilidades que têm por base sua própria competência enciclopédica construída, inclusive, a partir de outras leituras. Se, como afirma Eco, “nenhum texto é lido independentemente da experiência que o leitor tem de outros textos” (1979a, p.64), considero que nenhum texto é tampouco escrito sem levar em conta a experiência que o autor empírico tem de outros textos. Tal experiência inclui as normas, os valores e a poética a que todos os

textos e autores estão sujeitos e que podem questionar (Iser, 1978). Normas, valores, coerções e poética são discutidas por André Lefevere em relação à tradução, mas também podem se aplicar ao fenômeno da escrita. É minha crença que os escritores, estando sujeitos a normas, valores, coerções e poética (que também estão entre as condições de produção de uma obra), os utilizam, consciente ou inconscientemente, de propósito ou ao acaso, durante o processo de geração de seus textos. É impossível então considerar que um autor empírico não esteja sujeito a esses fatores quando escreve e que eles não influenciem o processo criativo. Na verdade, acredito que o autor empírico responde a seu leitor-modelo, construído a partir da visão que aquele adquire sobre este na sua relação com o mundo e com outras obras. Quando o tradutor lê o romance que vai traduzir, ele(a) assume o papel do leitor-modelo, segue as pistas deixadas pelo autor e coopera com o texto. Entretanto, o tradutor precisa imaginar outro leitor-modelo – inserido em outro contexto – e recriar o autor-modelo inscrito no original, já que está sujeito a outras condições de produção que influenciam e limitam a tradução.

Finalmente, quero destacar que o tradutor se encontra duplamente limitado, por assim dizer. Ele lida com limites representados pelo autor-modelo do original inscrito no texto e com aqueles representados pelas condições em que o leitor-modelo da tradução está inserido. Assim, o tradutor profissional busca, em geral, o equilíbrio para que o produto de seu trabalho seja um texto que promova a comunicação com o leitor estrangeiro.

O objetivo deste trabalho é o de verificar até que ponto as marcas presentes no texto original atuam como limites para a tradutora de *A Thousand Splendid Suns*, Maria Helena Rouanet. De maneira especial, pretendo verificar se a tradutora utiliza as técnicas de adaptação local usadas por Khaled Hosseini para *traduzir* itens da cultura afegã para o leitor norte-americano.

2 Tratamento do *Corpus*

Cabe aqui uma brevíssima descrição do *corpus* utilizado nesta pesquisa e de como ele foi organizado, utilizado e analisado.

Depois de selecionar o romance, li o texto traduzido integralmente e, durante a leitura, registrei os ICEs acompanhados de suas respectivas páginas em uma tabela. Em seguida, li o texto original, identifiquei os itens e os registrei na tabela comparativa. Os ICEs identificados são os que remetem à culinária, às instituições, ao vestuário, à religiosidade e aos logradouros.

Para os propósitos deste trabalho, destaco algumas ocorrências de ICEs que exemplificam a atuação da tradutora, que por vezes se aproxima e por outras se afasta dos limites do autor-modelo original.

3 Khaled Hosseini e o Uso das Técnicas de Adaptação Local

É necessário esclarecer, em primeiro lugar, que *A Thousand Splendid Suns* é um romance escrito por um autor afegão que escrevia em farsí, passou para o francês e agora escreve em inglês. *A Thousand Splendid Suns* não é, portanto, recebido como uma tradução pelo público-leitor estadunidense. Entretanto, o autor usa técnicas que podem ser vistas como *técnicas de tradução* para narrar uma história que se passa no Afeganistão e que é permeada de elementos que geram lacunas culturais.

Khaled Hosseini opta pela *presença visível* da cultura afegã no texto original e o faz de maneiras distintas. Em primeiro lugar, os ICEs aparecem grafados em itálico, e assim o autor demonstra, de forma imediata, que aquele termo não deve ser tido como um vocábulo da língua inglesa. Entretanto, há também termos estrangeiros que não são italicizados. Esse é o caso das palavras *tandoor*, *kebab*, *burqa*, *bazaar* e *jihad*. Já dicionarizados, esses termos formam hoje, por assim dizer, a competência enciclopédica de milhares de leitores, especialmente depois dos atentados de 11 de setembro, quando o mundo inteiro passou a se interessar mais pela cultura dos países islâmicos.

Outra maneira de manter a cultura afegã presente no original se dá através da utilização de uma técnica de adaptação local: a glosa intratextual. Ao usar essa técnica, mantém-se o ICE – em geral grafado em itálico – e acrescenta-se uma explicação no texto em si, como um aposto. A inscrição dessa marca no original demonstra a preocupação com a comunicação intercultural, já que o autor não deixa o leitor sem auxílio e insere explicações que facilitam o ato cooperativo da leitura sem apagar sua cultura de origem. Alguns exemplos são:

She did not know what this word harami – bastard – meant. (Hosseini, 2007, p. 4) And so there was Gul Daman's leader, the village arbab ... (Hosseini, 2007, p. 15) But Mariam's favourite, other than Jalil of course, was Mullah Faizullah, the elderly village Koran tutor, its akhund. (Hosseini, 2007, p. 15) Jalil brought clippings from Herat's newspaper, Ittifaq-i Islam, and read from them to her. (Hosseini, 2007, p. 21)

As marcas deixadas pelo autor no original incluem ainda a repetição de ICEs, sem a inserção de explicações. Entretanto, o autor deixa, na própria narrativa, pistas que auxiliam o leitor na cooperação com texto, pois explicam, por assim dizer, o elemento estrangeiro. Vejamos alguns exemplos:

... the day when Jalil visited her at the *kolba*. (Hosseini, 2007, p. 3) Nanna looked so mad that Mariam feared the *jinn* would enter her mother's body again. But the *jinn* didn't come, not that time. (Hosseini, 2007, p. 4) In the women's *hamam*, shapes moved about in the steam around Mariam, a glimpse of a hip here, the contour of a shoulder there. (Hosseini, 2007, p. 81) They sat and smoked atop tanks, dressed in their fatigues and ubiquitous *pakols*

(Hosseini, 2007, p. 157) He was standing in Mariam's door, puffy-eyed, wearing only a *tumban* tied with a floppy knot. (Hosseini, 2007, p. 212)

Vimos assim, ainda que brevemente, que o autor inscreve no texto, consciente ou inconscientemente, técnicas de adaptação local que podem ser vistas, nas palavras de Javier Franco Aixelá, como estratégias de conservação, aquelas que marcam a presença da cultura estrangeira, exótica, no texto original. Entretanto, o autor claramente opta pela aproximação do leitor quando introduz glosas intratextuais ou elementos que facilitam a interpretação.

4 Maria Helena Rouanet e a tradução propriamente dita

O sucesso absoluto de vendas de *The Kite Runner* (2003) e de outros romances que narram histórias passadas em países de cultura islâmica explicam o lançamento da tradução de *A Thousand Splendid Suns* (2007), no Brasil, no mesmo ano em que foi lançado nos Estados Unidos. Maria Helena Rouanet, tradutora de ficção e das duas obras de Khaled Hosseini, já havia declarado que os prazos curtíssimos mandam em sua agenda. *A Thousand Splendid Suns* foi mais um romance traduzido em prazo curtíssimo.

Maria Helena Rouanet também utiliza técnicas de adaptação local, marcas do autor-modelo original, no texto traduzido. Entretanto, sua tradução apresenta algumas diferenças. Ou seja, nem sempre a tradutora se deixa limitar pelo autor-modelo original. Passemos então às semelhanças e diferenças entre os dois textos.

A grafia em itálico é mantida pela tradutora. Entretanto, Maria Helena Rouanet grifa um número maior de termos além daqueles grifados no texto original. Esse é o caso das palavras *tandoor*, *kebab*, *burqa*, *bazaar* e *jihad*, que aparecem grifadas na tradução para o português. Ou seja, para a tradutora, o leitor brasileiro, alvo da tradução, deverá perceber no primeiro contato com a manifestação linear do texto traduzido que *tandoor*, *kebab*, *burqa*, *bazaar* e *jihad* são termos que descrevem algo que é estranho à cultura brasileira.

As glosas intratextuais, frequentes em *A Thousand Splendid Suns*, também estão presentes em *A Cidade do Sol*. Vejamos alguns exemplos em que a tradutora permanece dentro dos limites marcados pelo autor-modelo original:

Figura A

1 She did not know what this word <i>harami</i> – <u>bastard</u> – meant. (p. 4)	Não conhecia aquela palavra, <i>harami</i> , e não sabia que significava “ <u>bastarda</u> ”. (p. 9)
2 And so there was <u>Gul Daman's</u> leader,	Havia Habib Khan, o <i>arbab</i> da

the village <i>arbab</i> , Habib Khan, ... (p. 15)	aldeia, <u>o líder da comunidade de Gul Daman</u> , ... (p. 20)
3 But Mariam's favourite, other than Jalil of course, was Mullah Faizullah, <u>the elderly village Koran tutor</u> , its <i>akhund</i> . (p. 15)	Mas a visita preferida de Mariam, além de Jalil, é claro, era o mulá Faizullah, <u>o mais velho dos <i>akhund</i>, os guardiães do Corão da aldeia</u> . (p. 15)
4 Jalil brought clippings from <u>Herat's newspaper</u> , <i>Ittifaq-i Islam</i> , and read from them to her. (p. 21)	Jalil trazia recortes do <i>Ittifaq-i Islam</i> , <u>o jornal de Herat</u> , e lia as notícias para a filha. (p. 26)

Quanto às repetições de ICEs, as marcas da tradutora Maria Helena Rouanet diferem, por vezes, daquelas inscritas no texto original. Vejamos alguns exemplos:

Figura B

1 ... the day when Jalil visited her at the <i>kolba</i> . (p. 3)	... quando Jalil vinha visitá-la na <i>kolba</i> <u>onde morava</u> . (p. 9)
2 Nanna looked so mad that Mariam feared the <i>jinn</i> would enter her mother's body again. But the <i>jinn</i> didn't come, not that time. (p. 3-4)	A mãe parecia tão furiosa que Mariam teve medo de que um <i>jinn</i> fosse se apoderar de seu corpo novamente. Mas <u>o gênio</u> não veio, não desta vez. (p. 9)

Note-se que a tradutora insere elementos que esclarecem o significado (na *kolba* onde morava) ou usa outra técnica – a tradução explicativa, omitindo o termo e o reformulando em suas próprias palavras (o gênio, em vez de *jinn*). Note-se também que *jinn* é repetido no original em inglês e que a tradutora parece querer evitar a repetição, possivelmente por uma questão de estilo. Tal hipótese se confirma em outros momentos da tradução. Vejamos quais são eles.

Figura C

1 In the clearing, Jalil and two of his sons, Farhad and Muhsin, built the small <i>kolba</i> where Mariam would live the first fifteen years ... Jalil put in a new cast-iron stove for the winter and stacked logs of chopped wood behind the <i>kolba</i> Jalil could have hired laborers to build the <i>kolba</i> , Nana said, but he didn't. (p. 10)	Na clareira, Jalil e dois de seus filhos, Farhad e Muhsin, construíram a pequena <i>kolba</i> onde Mariam viveria os primeiros quinze anos ... Jalil instalou ali um fogareiro de ferro para o inverno e fez uma cerca de toras de madeira nos fundos da <u>cabana</u> Jalil podia ter contratado operários para a construção da <i>kolba</i> , observou
---	--

	Nana, mas não contratou. (p. 15)
2 Usually, he came alone to the <i>kolba</i> , though sometimes with his russet-haired son Hamza, who was a few years older than Mariam. When he showed up at the <i>kolba</i> , Mariam kissed Mullah Faizullah's hand ... After, the two of them sat outside the <i>kolba</i> , ate pine nuts and sipped green tea ... (p. 16)	Em geral, vinha sozinho até a <i>kolba</i> ; às vezes, porém, trazia consigo o filho Hamza, um menino de cabelo avermelhado, pouco mais velho que Mariam. Quando o mulá chegava [-], Mariam beijava sua mão ... Mais tarde, sentavam-se ambos do lado de fora da <i>kolba</i> , comendo pinhões, tomando chá verde ... (p. 21)
3 Once they had taken their share, the women and children settled on the floor around the <i>sofrah</i> and ate. It was after the <i>sofrah</i> was cleared and the plates were stacked in the kitchen ... (p. 151)	Depois que eles tinham se servido, as mulheres e as crianças se sentaram no chão, ao redor da <i>sofrah</i> para comer. Quando elas já tinham retirado os pratos [-], levado tudo para a cozinha ... (p. 148)

É importante observar que Maria Helena Rouanet prefere evitar a repetição de ICES quando eles não são necessários no texto traduzido para que a comunicação com o leitor aconteça. Ou seja, a tradutora parece optar pela tradução explicativa (como em b2 e c1) ou pela exclusão (como em c3) quando está diante de termos que aparecem mais de uma vez em determinado trecho. Assim, ela escolhe ultrapassar o limite (o uso da técnica da repetição) que o texto original apresenta e privilegia, a meu ver, o estilo e a comunicação com o leitor.

Finalmente, há ainda outros momentos em que Maria Helena Rouanet opta pela tradução explicativa e exclui o estrangeiro do texto traduzido. Vejamos alguns exemplos:

Figura D

1 Mariam walked along noisy, crowded, cypress-lined boulevards, amid a steady stream of pedestrians, bicycle riders, and mule-drawn <i>garis</i> . (p. 28)	Mariam saiu andando pelas avenidas margeadas de ciprestes, barulhentas e apinhadas de gente; lá ia ela em meio a um fluxo denso de pedestres, ciclistas, <u>charretes puxadas por mulas</u> , e ninguém lhe atirou pedras. (p. 33)
2 The other was the man who had been fanning the kebab skewers. (p. 154)	O outro era quem estava abanando os <u>espetos de carneiro na grelha</u> . (p. 151)

5 Considerações finais

Neste trabalho, pretendi comparar o tratamento dados aos ICEs pelo escritor que narra sua própria cultura ao narrar uma história e o tratamento dados aos mesmos ICEs pela tradutora.

Khaled Hosseini, autor de *A Thousand Splendid Suns*, encontra-se diante de lacunas culturais ao escrever o romance em inglês para o público-leitor estadunidense e opta pela manutenção dos termos, repetindo-os e inserindo explicações ao longo do texto quando julga necessário. O resultado é um texto em que se percebe a presença do estrangeiro, mas também um texto em que a estranheza não torna a cooperação com o texto difícil para o leitor, já que sua competência enciclopédica vai sendo construída durante a narrativa. É um texto que, de maneira clara, procura a aproximação com o leitor a quem se dirige. De fato, na resenha publicada no jornal inglês, Natasha Walter afirma que “o estilo explicativo [de Hosseini] e a sensação de que você está caminhando para um final redentor fazem com que toda a narrativa, apesar de todas as suas tragédias, deslize facilmente”.

Diante das lacunas culturais que os ICEs representam, Maria Helena Rouanet, por sua vez, tem dois procedimentos à sua escolha: ou adota as técnicas inscritas no original, marcas do autor-modelo, ou opta por outros procedimentos, afastando-se do limite que o autor-modelo original representa. No texto traduzido, verifica-se que Rouanet repete, de maneira geral, as escolhas inscritas na manifestação linear do texto de partida. Entretanto, há momentos em que a função mediadora da tradução parece sobrepor-se ao limite imposto pelo texto de partida e a tradutora facilita o ato cooperativo da leitura do texto em português apagando a cultura afegã ou inserindo expressões que auxiliam o leitor brasileiro. Assim, o texto traduzido afasta-se do original e procura uma aproximação maior do leitor alvo da tradução

Referências

- AXIELÁ, F. JAVIER. Culture-specific Items in Translation. In: *Translation Power Subversion. Clevedon: Multilingual Matters*, 1996, 52-78.
- BENTES, M. C. *Clifford Landers – Tradutor do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica Do Rio De Janeiro - PUC-Rio, 005. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=6858&idi=2>. Acesso: 6 jul.2025.
- ECO, U. *Interpretação e Superinterpretação*. Tradução: MF. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ECO, U. *Lector in Fabula*. Trad. Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1979a.
- ECO, U. *Os Limites da Interpretação*. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- ECO, U. *Six Walks in the Fictional woods*. Cambridge: Harvard University Press, 1994.

ECO, U. *The Role of the Reader: Explorations in the Semiotics of Texts*. Bloomington: Indiana University Press, 1979b.

HOSSEINI, K. *A Thousand Splendid Suns*. New York: Riverhead Books, 2007.

HOSSEINI, K. *A Cidade do Sol*. Tradução: Maria Helena Rouanet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

ISER, W. *The Act of Reading. A Theory of Aesthetic Response*. Amsterdã: John Hopkins, 1978

RABENHORST, E. R. *Sobre os limites da interpretação*. O debate entre Umberto Eco e Jacques Derrida. *Prim Facie, [S. l.]*, v. 1, n. 1, p. 1–17, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/primafacie/article/view/4205>. Acesso em: 6 jul. 2025.

RUSHDI, S. *Imaginary Homelands*. Middlesex: Penguin Books, 1991.

SEGALEN, M. CUISENIER, J., *Ethnologie de la France*. Paris: Presses Universitaires de France, 1986

Recebido em: 26/05/2025.

Aceito em: 03/06/2025.